

Vínculos da Argentina com o nazifascismo: uma proposta de reflexão historiográfica sobre o tema

Argentina's ties to nazifascism: a proposal for a historiographical reflection on the subject

Pietra Elisa Beling¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os vínculos da Argentina com o nazifascismo a partir de uma reflexão historiográfica sobre o tema. A relação do país com o regime nazista, tanto durante a Segunda Guerra Mundial quanto no pós-guerra, foi – e ainda é – objeto de amplos debates no âmbito acadêmico, em que há diferentes interpretações sobre o grau de penetração dos ideais nazifascistas na política e na sociedade argentinas. Por meio de uma reflexão sobre algumas das principais obras produzidas sobre o tema, a presente proposta de reflexão é estruturada a partir da categorização das publicações de acordo com o contexto histórico e político em que foram elaboradas, assim realizando uma análise historiográfica que vai além da compreensão do conteúdo das obras e complexificando interpretações muitas vezes simplistas apresentadas sobre o referido contexto político.

Palavras-chave: Nazismo; Argentina; Historiografia.

Abstract: This article aims to analyze Argentina's ties to Nazifascism from a historiographical reflection on the subject. The country's relationship with the Nazi regime, both during World War II and in the post-war period, was – and still is – the subject of extensive debates in the academic sphere, in which there are different interpretations about the degree of penetration of nazifascist ideals in Argentine politics and society. Through a reflection on some of the main works produced on the subject, this proposal for reflection is structured from the categorization of publications according to the historical and political context in which they were elaborated, thus carrying out a historiographical analysis that goes beyond the understanding of the content of the works and complexifying often simplistic interpretations presented about the aforementioned political context.

Keywords: Nazism; Argentina; Historiography.

INTRODUÇÃO

A relação da Argentina com o nazifascismo é um tema que desperta amplo interesse historiográfico, permeado por debates políticos e acadêmicos. Desde a década de 1930, o país manteve uma postura ambígua diante dos regimes totalitários europeus, oscilando entre neutralidade diplomática e aproximações políticas e econômicas com a Alemanha. Durante a Segunda Guerra Mundial, a hesitação argentina em alinhar-se aos Aliados gerou críticas internacionais, sobretudo após a entrada dos Estados Unidos no conflito, o qual pressionava por um alinhamento político entre os países americanos. No pós-guerra, a ascensão de Juan Domingo Perón ao governo argentino, contrariando os interesses norte-americanos, e a chegada de nazistas fugitivos ao país consolidaram a percepção de uma cumplicidade deliberada entre a Argentina e o nazifascismo.

A partir disso, o presente artigo examina algumas das diferentes interpretações historiográficas sobre essas conexões, destacando perspectivas que vão desde a percepção de

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM), com auxílio de Bolsa CAPES/DS e sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira Padoin. Bacharel em Relações Internacionais pela mesma instituição.

jornalistas, políticos e intelectuais argentinos que viveram em tal contexto até abordagens mais recentes que complexificam sua análise ao defender que o nazifascismo não representou um perigo real às instituições de governo argentinos. Assim, ao analisar livros e artigos sobre a temática em seus diferentes contextos de publicação, busca-se empreender um esforço de desmistificar alguns exageros e reconhecer as complexidades desse contexto histórico, que é muitas vezes abordado de maneira simplista e pouco aprofundada. Com isso, o objetivo central do presente artigo será o de apresentar uma possibilidade de reflexão em torno das obras que tratam sobre os vínculos da Argentina com o nazifascismo, visando auxiliar pesquisadores que estão tendo um primeiro contato com o tema.

ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Diversos historiadores buscaram compreender os reais vínculos entre a política argentina e o nazifascismo, sendo este um debate que permanece em aberto ainda hoje. Algumas interpretações defendem que a Argentina e seus governantes apresentavam estreita vinculação com os ideais e com a política externa da Alemanha nazista, enquanto outras abordagens sugerem que estes vínculos foram superdimensionados por interesses políticos e midiáticos. Historiadores que possuem uma trajetória consolidada na análise sobre o tema, como é o caso de Ronald C. Newton (1992), consideram que as atividades promovidas pelo nacional-socialismo na Argentina tiveram um impacto limitado no contexto mais amplo do país, assim contrariando narrativas mais alarmistas.

Apesar disso, a importância de analisar a construção da historiografia sobre o tema na Argentina se dá porque, em muitos casos, os vínculos do nazismo com o país foram instrumentalizados politicamente (Carvalho, 2021, p. 39). Então, a produção de obras acadêmicas sobre o nazismo na Argentina variou conforme o próprio contexto histórico e político de sua produção – o que permitiu, a fim de sistematizar a discussão aqui realizada, realizar uma classificação dentre as bibliografias investigadas. Ao todo foram analisados cerca de 20 livros e artigos produzidos sobre a temática, a partir dos quais pude observar as seguintes categorias: (1) obras de caráter testemunhal, (2) obras sensacionalistas, (3) obras de contraposição e (4) obras conciliadoras.

De um modo geral, as obras de caráter testemunhal englobam produções de indivíduos que estavam inseridos no referido contexto argentino, sobretudo na década de 1940, e apontavam para a existência de uma destacada ameaça nazista no país. Nos anos seguintes ao fim da Segunda Guerra Mundial, foram publicadas obras sensacionalistas, que estão vinculadas

a algumas teorias conspiratórias sobre o nazismo na América Latina, sendo produzidas até hoje. Já na década de 1980 e 1990, houve um interesse renovado na temática e foram publicadas as aqui chamadas obras de contraposição, nas quais historiadores apontam para a limitada influência do nazifascismo na Argentina. Por fim, há algumas obras dissidentes, que interpretam tal cenário de forma distinta das demais categorizações.

Com relação às obras de caráter testemunhal, cabe destacar que estas foram centrais para a repercussão de uma narrativa alarmista quanto à expansão nazifascista na Argentina. Diversos políticos, jornalistas e intelectuais, como é o caso de Enrique Dickmann (1939), Raúl Damonte Taborda (1954), Juan Antonio Solari (1942) e Silvano Santander (1945; 1953), buscaram denunciar o caráter expansionista das políticas alemãs para a Argentina e para o continente americano como um todo. No entanto, apesar de inúmeros historiadores apontarem para os exageros difundidos por essas obras, a percepção de perigo existente entre seus autores, sendo ela inflada ou não, não deve ser menosprezada tendo em vista as incertezas do rumo da guerra.

As obras de caráter testemunhal, além de denunciar as políticas nazistas difundidas no continente, também apontavam para o envolvimento dos governos nacionais nesse processo de uma suposta aproximação com a Alemanha. Entre 1932 e 1943, as críticas se concentraram nos governos da Concordância, uma aliança política conservadora, cujos governos se deram por meio de eleições fraudulentas.² Já com o golpe militar de 1943 e o posterior governo de Juan Domingo Perón, que assumiu a presidência em 1946, os autores previamente mencionados denunciavam as vinculações do novo governante argentino com o nazifascismo em tentativas de desacreditar sua administração.

Tais denúncias também estão relacionadas ao contexto de publicação do *Blue book on Argentina* pelo Departamento de Estado norte-americano, duas semanas antes da eleição de Perón em 1946 (Estados Unidos, 1946). O objetivo central desta publicação, que era minar a eleição de Perón (Escudé, 1989; Rein, 2010; Stahl, 2018), não foi alcançado, mas o conteúdo denunciado pelos Estados Unidos apresentou ampla repercussão e foi central na consolidação da narrativa de vinculação entre os dirigentes argentinos e o regime nazista.

A política norte-americana, nesse sentido, contribuiu para a construção de uma percepção equivocada sobre os vínculos da Argentina com o nazismo, a qual foi fruto de frustrações políticas entre os dois países ao longo da Segunda Guerra Mundial. A Argentina

² Os governos da Concordância são comumente enquadrados dentro da chamada “década infame”, abarcando as presidências de Agustín P. Justo, Roberto M. Ortiz e Ramón Castillo. Ver mais em: SANCHÍS MUÑOZ, José R. *La Argentina y la Segunda Guerra Mundial*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1992.

Uruguay

manteve sua neutralidade até janeiro de 1944 mesmo sendo amplamente pressionada, desde o início de 1942 pelos Estados Unidos, a romper relações diplomáticas com os países do Eixo. Escudé (1989, p. 57) e Rapoport (1995, p. 15) afirmam que a neutralidade argentina na guerra estaria vinculada justamente a uma atitude anti-estadunidense e que as próprias pressões exercidas pelos norte-americanos contribuíram para uma postura de “irracionalidade” frente ao conflito, mas que isso não necessariamente configurava como um elemento de vinculação com o nazismo – diferentemente do que era apresentado no *Blue Book*.

Apesar de Perón não esconder suas simpatias com a ideologia fascista, os elementos denunciados foram apresentados de forma distorcida e exagerada. A estratégia de vincular Perón ao nazifascismo, além de ter sido veiculada pelo relatório norte-americano, foi muito explorada pelos setores opositores ao então candidato, os quais se reuniram na chamada União Democrática. Nesse sentido, Alejandro Giuffrida (2019) reflete em seu artigo sobre a instrumentalização política do nazismo durante as eleições de 1946, em que essa estratégia teria fortalecido, ao invés de enfraquecer, a candidatura de Perón. Conforme apontado por Rein (2010, p. 75), Perón conseguiu reverter a situação ao denunciar as repetidas intervenções dos Estados Unidos em assuntos internos da Argentina, cujos argumentos foram explorados na publicação do *Libro Azul y Blanco* (Perón, 1946).

Ainda assim, a vinculação do novo governo com o nazifascismo seguiu sendo explorada pela oposição política, sendo que alguns dos autores mencionados previamente, como Taborda (1954) e Santander (1953), se exilaram no Uruguai pelas críticas realizadas à Perón em suas obras. Eles chegaram a afirmar, por exemplo, que Perón e sua atual esposa, Eva, seriam “agentes do nazismo” na Argentina e que os mesmos faziam parte de uma “conspiração continental” para retomar a influência do nazifascismo pós-Segunda Guerra Mundial. Apesar de apresentar alguns exageros, os seus livros refletem uma preocupação que, naquele contexto, era justificada: o surgimento de um IV Reich na América Latina.

O estabelecimento desse imaginário é o tema central da tese de Meinerz (2018), que analisa, dentre outros aspectos, o impacto de obras em tom conspiratórios, como foi o caso das publicações de caráter testemunhal aqui apresentadas, na produção de romances, filmes, documentários e, também, na própria historiografia. Essas percepções distorcidas, no entanto, se viram fortalecidas ainda na década de 1950 pela descoberta de que importantes ex-agentes do regime nazista estariam se refugiando em continente latino-americano, sendo o caso de Adolf Eichmann na Argentina um dos que mais gerou repercussões. Nesse momento, o tema ainda recebia pouca atenção de historiadores profissionais, enquanto seu amplo destaque nos

meios de comunicação e de entretenimento contribuiu para reforçar as narrativas que associavam a Argentina ao nazifascismo (Carvalho, 2021, p. 59).

A partir desse cenário, então, se estabeleceu a segunda categorização historiográfica apresentada: as obras sensacionalistas. Estas são aqui enquadradas enquanto obras publicadas por autores e profissionais que não presenciaram diretamente o desenvolvimento desse contexto político na Argentina, mas que produziram livros que reforçam as vinculações da Argentina com o nazifascismo pautadas por informações distorcidas, muitas vezes visando a finalidade comercial, e não a científica, de suas produções.³

Um dos primeiros autores que se destacou nesse cenário foi Simon Wiesenthal, um caçador de nazistas amplamente reconhecido no cenário internacional do pós-guerra e que inclusive esteve à frente do Centro Judaico de Documentação Histórica. Ele publicou diversas obras denunciando redes de organizações nazistas secretas, dentre elas a ODESSA, que seria a abreviação para *Organisation der ehemaligen SS-Angehörigen* ou, em português, Organização de Antigos Membros da SS, supostamente responsável por auxiliar criminosos nazistas a fugir da Europa e se estabelecer em países como a Argentina (Wiesenthal, 1967). Em outra obra, intitulada *Justice Not Vengeance*, Wiesenthal (1989, p. 76) afirma que criminosos nazistas, como o próprio Eichmann, se sentiam seguros na Argentina tendo em vista que eles detinham poder político durante o governo Perón.

Como Wiesenthal foi uma das principais figuras na busca pela responsabilização dos crimes do regime nazista, suas declarações tiveram grande repercussão na época, assim contribuindo para que dezenas de outras obras em tom sensacionalista fossem publicadas. Alguns exemplos que podem ser citados, nesse sentido, são as publicações de Jorge Camarasa (1992), Abel Basti (2010) e Juan Salinas e Carlos de Nápoli (2010). Camarasa (1992) analisa as supostas rotas de fuga utilizadas por criminosos de guerra nazistas refugiados na Argentina, buscando denunciar que esse processo se deu com a cumplicidade de autoridades locais durante o governo Perón. Basti (2010), por sua vez, argumenta que Hitler não teria morrido ao final da Segunda Guerra Mundial, mas sim fugido para a Argentina. Já Salinas e de Nápoli (2010) sugerem que submarinos alemães teriam transportado criminosos de guerra e tesouros nazistas para a Argentina.

³ Nesse sentido, a tese de Meinerz (2018) aponta para a construção de uma verdadeira “indústria” voltada a explorar o medo gerado pela possibilidade de estabelecimento de um IV Reich na América Latina. A publicação de obras sensacionalistas também se fortaleceu por uma crescente “ficcionalização” da temática, conforme apontado por Rosenfeld (2019), em que o tema seguiu sendo amplamente veiculado na indústria de entretenimento, em filmes, documentários, romances, entre outros.

Todas essas especulações, no entanto, são relativizadas por historiadores profissionais, os quais conferem pouca credibilidade às obras mencionadas. A maior atenção de pesquisadores acadêmicos sobre o tema se fortaleceu apenas nas décadas de 1980 e 1990, período em que se iniciou o processo de, ao menos tentar, esclarecer o que de fato se sucedeu no contexto de aproximação da Argentina com o nazifascismo. O momento de maior destaque da produção historiográfica se deu no governo de Carlos Saúl Menem (1989-1999), que foi o primeiro presidente a se declarar peronista após o golpe de 1976.⁴ Conforme apontado por Stahl (2018, p. 277), a eleição de Menem causou preocupação entre aqueles que almejavam a responsabilização de crimes perpetrados por nazistas vivendo na Argentina, sendo um tema que permeou toda sua presidência.

A partir disso, em 1992, houve a promulgação do Decreto nº 232 que determinou o fim da reserva por “razões de Estado” sobre as documentações relacionadas ao nazismo (Argentina, 1992). Sendo assim uma primeira iniciativa direta do governo argentino em fomentar a realização de pesquisas acadêmicas sobre o tema a fim de esclarecê-lo e de reverter a imagem negativa atribuída ao país e ao peronismo, mais especificamente. Em um clima de crescentes tensões sobre a memória do Holocausto à nível internacional,⁵ Menem foi pressionado a tomar medidas ainda mais efetivas quanto ao tema e, assim, estabeleceu em 1997 a criação da *Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en la Argentina* (CEANA), por meio do Decreto nº 390 (Argentina, 1997).

A CEANA foi formada majoritariamente por historiadores e pesquisadores acadêmicos argentinos e também de outros países e, por isso, sua atuação se torna amplamente relevante para compreender a terceira categorização historiográfica aqui elencada: as obras de contraposição. Como o próprio nome da comissão já aponta, a CEANA foi estabelecida com o intuito de esclarecer as atividades do nazismo desenvolvidas na Argentina e, como resultado de seu trabalho, foram publicados três informes parciais e um informe final, sendo que este último possui quase mil páginas (CEANA, 1999). A partir disso, houve um interesse renovado na temática, sobretudo no âmbito acadêmico, e favoreceu a publicação de diversos trabalhos

⁴ Sobre o contexto histórico do país nesse contexto, cabe destacar que Perón governou a Argentina em duas ocasiões: a primeira entre 1946 e 1955, aqui já mencionada, e a segunda entre 1973 e 1974, momento em que Perón veio a falecer. Após a sua morte, quem assumiu a presidência argentina foi sua então esposa, Isabel Perón, a qual permaneceu no poder até o novo golpe militar de 1976. Assim, entre 1976 e 1983, a Argentina viveu sob um regime ditatorial que se opunha firmemente à figura de Perón e ao movimento peronista como um todo.

⁵ Como exemplos desse cenário é possível citar que a Argentina foi alvo de dois atentados antissemitas em ataques à Embaixada de Israel na Argentina, em 1992, e à Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), que resultaram em dezenas de mortos e centenas de feridos. Ademais, durante a presidência de Menem houve ainda a confirmação das extradições de Josef Schwammberger e de Erich Priebeke, ex-oficiais nazistas que se encontravam refugiados em território argentino.

que se distanciam em grande medida das narrativas exageradas e em tom conspiratórios das obras que circulavam até então.

Cabe destacar que, apesar de a comissão ter se estabelecido em âmbito governamental, vinculado ao Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto, atuou enquanto um órgão independente deste (Carvalho, 2021, p. 76). Ignacio Klich (1999, p. 1-3), coordenador acadêmico da CEANA, inclusive enfatizou no informe final a ausência de interferência governamental na definição do plano de investigações e destacou o pluralismo da comissão, que contou com pesquisadores tanto peronistas quanto antiperonistas, reunindo um grupo diversificado de profissionais reconhecidos internacionalmente.

Ainda assim, devido ao envolvimento do governo argentino, a atuação da comissão foi alvo de diversas críticas, as quais ressaltavam principalmente que as pesquisas promovidas pela CEANA seriam uma tentativa de “ocultação” dos vínculos do país com o nazismo (Wechsler, 2015, p. 10). No entanto, é possível perceber que diversos historiadores que fizeram parte da CEANA, a exemplo de Ignacio Klich (1995), Carlota Jackisch (1988; 1997) e Ronald C. Newton (1984; 1989; 1992), pesquisaram e publicaram diversas obras sobre a temática mesmo antes da criação oficial da comissão em 1997 – e chegaram a conclusões muito semelhantes ao que é apresentado em seu relatório final.

Assim, as pesquisas desenvolvidas por Klich, Jackisch e Newton, além das outras dezenas de investigadores que participaram da CEANA, são essenciais para fornecer um esforço de pesquisa séria e consistente sobre o tema. Grande parte dos autores convergem no sentido de afirmar que as atividades patrocinadas pelo nacional-socialismo na Argentina, apesar de existirem e terem impactado diversos setores políticos e sociais, foram esforços limitados e que não representavam uma ameaça efetiva ao contexto mais amplo do país.

A conformação dessa historiografia, então, se apresenta enquanto um esforço de se distanciar de perspectivas sensacionalistas, mas ainda assim seus pesquisadores não negam a complexa relação entre a Argentina e o nazifascismo. Inclusive, alguns dos membros da CEANA entendem que alguns criminosos de guerra nazista de fato foram favorecidos por políticas desenvolvidas no primeiro governo de Perón, mas estabelecem que esse processo não teria ocorrido por afinidade ideológica ou um caráter conspiratório envolto ao peronismo, a exemplo das denúncias envolvendo a ODESSA, e sim por questões práticas de incentivo à imigração de cientistas, engenheiros e técnicos qualificados para a promoção de uma política de desenvolvimento industrial (Rein, 2010, p. 77).

Autores como Stahl (2018) e Carvalho (2021), mesmo distantes da atuação da CEANA, compartilham desses entendimentos ao defender que um dos principais motivos para a chegada

de criminosos nazistas na Argentina e na América Latina no pós-guerra seria o esforço pouco coordenado a nível internacional de lidar com a responsabilização dos crimes perpetrados pelo regime nazista. Então, também descartam a criação de uma rede sistemática de proteção aos fugitivos nazistas, como a ODESSA, em território latino-americano. Uma das principais conclusões alcançadas pela CEANA, inclusive, foi a constatação de que apenas 180 criminosos de guerra teriam se estabelecido no país, em detrimento à percepção propagada em obras sensacionalistas de que milhares de fugitivos teriam se refugiado na Argentina (Jackisch, 1999).

A partir do trabalho da CEANA é que se estabeleceu a quarta, e última, categorização historiográfica sobre o tema: as obras conciliadoras. O principal autor enquadrado nessa perspectiva foi Uki Goñi (2002), o qual se apresenta enquanto crítico das pesquisas realizadas no âmbito da CEANA. Assim, o autor é enquadrado em uma nova categorização porque, apesar de não apresentar um caráter sensacionalista e buscar efetivamente realizar um esforço historiográfico consistente, discorda das conclusões apontadas pela comissão e concilia aspectos das duas categorizações anteriores. Em sua obra intitulada *The Real Odessa: How Perón Brought the Nazi War Criminals to Argentina*, Goñi (2002) defende que Perón de fato havia criado um aparelho estatal para facilitar o ingresso de nazistas ao país. O mesmo ainda afirmou que chegou a fazer parte da CEANA por três dias, mas que renunciou por divergências de critérios nas investigações e que, pesquisando sozinho, já teria identificado mais de 300 fugitivos nazistas que ingressaram na Argentina (Goñi, 2002).

Outro autor que pode ser enquadrado na presente categorização é Julio B. Mutti (2015), o qual adota um posicionamento similar à proposta de Uki Goñi e busca identificar em seu trabalho as redes de apoio, dentro e fora da Argentina, que possibilitaram a fuga de ex-agentes do nazismo na Europa e o processo de sua recepção no continente latino-americano. O autor, no entanto, em nenhum momento critica o trabalho realizado por historiadores da CEANA, afirmando apenas que seu trabalho diverge nos objetivos e enfoque fornecidos ao tema em relação a esses pesquisadores (Mutti, 2015).

CONCLUSÃO

Ao destacar a construção da historiografia existente sobre os vínculos da Argentina com o nazifascismo, vinculando a análise com o contexto de produção dessas obras – mesmo analisando apenas uma amostra limitada destas –, foi possível proporcionar uma visão mais completa sobre um passado ainda envolto em controvérsias. As obras de caráter testemunhal e

sensacionalistas criaram as bases de uma percepção, mesmo que distorcida e equivocada, de uma ampla aproximação e vinculação do país com o regime nazista ao denunciar, por exemplo, a criação de redes para articular a recepção de criminosos de guerra.

O tardio interesse de historiadores profissionais na temática, esforço que foi inclusive incentivado por medidas governamentais, apresentou efeitos limitados na tentativa de esclarecer e de reverter a imagem da Argentina enquanto um local seguro para criminosos nazistas (Rein, 2024, p. 12). Inclusive, as obras de autores vinculados à CEANA são muito mais difíceis de serem acessadas, pelo menos em solo brasileiro, se comparado às obras das outras três categorizações apresentadas. Além de que, por ser escrito para fins acadêmicos e por possuir quase mil páginas, o próprio informe final da CEANA recebe menor atenção (Stahl, 2018, p. 312). Já a obra de Goñi (2002), por exemplo, foi traduzida para diversas línguas e é relativamente fácil de ser acessada, o que certamente impacta a realização de pesquisas ainda hoje que se debruçam sobre esse contexto na Argentina.

Portanto, para além de analisar o conteúdo das obras, torna-se evidente com a presente reflexão a importância de verificar o contexto de produção dos textos analisados e suas possíveis finalidades, assim evitando recair em perspectivas conspiratórias e simplistas ao apontar os vínculos da Argentina com o regime nazista.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. *Decreto 232/92*. In: Boletín Oficial de la República Argentina, 5 de fevereiro de 1992, p. 4. Disponível em: <https://www.boletinoficial.gob.ar/detalleAviso/primera/7126956/19920205?busqueda=1>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ARGENTINA. *Decreto 390/97*. In: Boletín Oficial de la República Argentina, 12 de maio de 1997. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/decreto-390-1997-43179/texto>. Acesso em: 18 mar. 2025.

BASTI, Abel. *El Exilio de Hitler en Argentina*. Buenos Aires: Planeta, 2010.

CAMARASA, Jorge. *Los nazis en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Legasa, 1992.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *O “homem dos pedalinhas”*: Herbert Cukurs: a história de um alegado criminoso nazista no Brasil do pós-guerra. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.

Comisión para el Esclarecimiento de las Actividades del Nazismo en Argentina (CEANA). *Informe Final*. Argentina, 1999.

DICKMANN, Enrique. *La Infiltración Nazi Fascista En La Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Sociales Argentinas, 1939.

ESCUDE, Carlos. US Political Destabilisation and Economic Boycott of Argentina during the 1940s. In: DI TELLA, Guido; WATT, D. Cameron (Ed.). *Argentina between the Great Powers, 1939-46*. Londres: The Macmillan Press, 1989, p. 56-76.

ESTADOS UNIDOS. *Blue book on Argentina*: consultation among the American republics with respect to the Argentine situation. New York: Greenberg Publisher, 1946.

GIUFFRIDA, Alejandro. Los usos políticos del nazismo en la campaña electoral argentina de 1945/46. *Hologramática*, v. 4, n. 31, p. 3-29, 2019.

GOÑI, Uki. *The Real Odessa*: How Perón Brought the Nazi War Criminals to Argentina. Londres: Granta Books, 2002.

JACKISCH, Carlota. Cuantificación de criminales de guerra según fuentes argentinas. In: CEANA. *Informe Final*. Argentina, 1999.

JACKISCH, Carlota. El Nacionalsocialismo en la Argentina. *Revista Libertas*, n. 8, p. 1-25, 1988.

JACKISCH, Carlota. *El nazismo y los refugiados alemanes en Argentina*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1997.

KLICH, Ignacio. Introducción. In: CEANA. *Informe Final*. Argentina, 1999.

KLICH, Ignacio. Los nazis en la Argentina: revisando algunos mitos. *Ciclos*, v. 5, n. 9, p. 193-220, 1995.

MEINERZ, Marcos Eduardo. “*O Reich de mil anos*”: O imaginário conspiratório da sobrevivência nazista após a Segunda Guerra Mundial. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MUTTI, Julio B. *Nazis en las sombras*: La historia inédita de los espías del III Reich en Argentina. Madrid: Ediciones Nowtilus, 2015.

NEWTON, Ronald C. Disorderly Succession: Great Britain, the United States and the 'Nazi Menace' in Argentina, 1938-47. In: DI TELLA, Guido; WATT, D. Cameron (Ed.). *Argentina between the Great Powers, 1939-46*. Londres: The Macmillan Press, 1989, p. 111-134.

NEWTON, Ronald C. *The 'Nazi Menace' in Argentina, 1931-1947*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

NEWTON, Ronald C. The United States, the German-Argentines, and the Myth of the Fourth Reich, 1943-47. *Hispanic American Historical Review*, v. 64, n. 1, p. 81-103, 1984.

PERÓN, Juan Domingo. *Libro azul y blanco*. Buenos Aires: [S.n.], 1946.

RAPOPORT, Mario. Argentina y la Segunda Guerra Mundial mitos y realidades. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 6, n. 1, p. 5-21, 1995.

REIN, Raanan. *Argentine Jews or Jewish Argentines?* Essays on Ethnicity, Identity, and Diaspora. Leiden: Brill, 2010.

REIN, Raanan. From the Blue Book to the CEANA Report and Back: Narratives of Argentina's Complicity with the Third Reich and Nazi Fugitives. In: ERKER, Linda; REIN, Raanan (Ed.). *Nazis and Nazi Sympathizers in Latin America after 1945*. Leiden: Brill, 2024, p. 11-31.

ROSENFELD, Gavriel D. *The Fourth Reich: The Specter of Nazism from World War II to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SALINAS, Juan; NÁPOLI, Carlos de. *Ultramar Sul: A última operação secreta do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANCHÍS MUÑOZ, José R. *La Argentina y la Segunda Guerra Mundial*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1992.

SANTANDER, Silvano. *Nazismo en Argentina: La conquista del Ejército*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1945.

SANTANDER, Silvano. *Técnica de una traición: Juan D. Perón y Eva Duarte, agentes del nazismo en Argentina*. Montevideo: Tricromía, 1953.

SOLARI, Juan Antonio. *América Presa Codiciada - Planes de Dominación Nazi*. Buenos Aires: Editorial La Vanguardia, 1942.

STAHL, Daniel. *Hunt for Nazis: South America's Dictatorships and the Prosecution of Nazi Crimes*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2018.

TABORDA, Raúl Damonte. *O Caso Perón: uma Conspiração Continental*. Porto Alegre: Editora Globo, 1954.

WECHSLER, Wanda. La construcción y musealización de la memoria del Holocausto en la Argentina reciente. *Aletheia*, v. 5, n. 10, p. 1-16, 2015.

WIESENTHAL, Simon. *Justice Not Vengeance*. Nova York: Grove Weidenfeld, 1989.

WIESENTHAL, Simon. *The Murderers Among Us: the Simon Wiesenthal memoirs*. Nova York: McGraw-Hill, 1967.